

Miguel
Carneiro



Esconso
e outras histórias

ESCONSO E
OUTRAS
HISTÓRIAS

Miguel Carneiro

A Lourdisnete Benevides, José Ferreira
Filho, Gervásio Araújo, Jacqui Lee
Schiif e, também para Wilson,
Roverson e Antônio Luiz.

“Há tantas violetas velhas sem um colibri”

Zé Ramalho da Paraíba

I

Ele chegava à mesa para o café da manhã, mal-humorado. O açucareiro com as bordas de açúcar branco molhado, colocado displicentemente pela empregada, dava-lhe motivos. Escandalosamente, como se estivesse no oitavo quarteirão da rua, gritava para a mulher ao lado.

- Hilda, Hilda, venha cá.

A esposa, de ar aflito, surgia, imaginando algo de grave.

- Eu já clamei nesta casa que não suporto açucareiro peguento!

A mulher pedia-lhe desculpas:

- Não se chateie, querido. Esse feto não se repetirá. Você quer uma fatia de torta?

Ele fazia cara de nojo. A mesa posta naquela desorganização timoneira. O farto café da manhã em salvas de plástico e inox. Ali o novo misturava-se ao kitsch, às moscas endiabradas que surgiam da serra. A mulher ao largo, sem jamais sentar à mesa. Ele dando seus três religiosos arrotos sem previsão nenhuma de ocupação. Pedia o paliteiro, irritado, levantava-se sozinha da mesa. Hilda alquebrada, arrastava-se com suas pesadas meias, e

varizes, sentava-se sozinha à mesa da cozinha para sua primeira refeição. A empregada a cobrar o cardápio do almoço. Dividida entre o marido e a solicitação de Conceição, exclamava em voz alta.

- Ai Deus... o que seria melhor... largar tudo isso, ou me enforcar com o currião deste desgraçado!

Retornava ao seu costumeiro silêncio. A empregada insistia.

- D. Hilda, o almoço?

A dona da casa suspendia os ombros de pouco caso, enfadada passava as deliberações. No outro lado, ele colocava o pesado óculos de grau, se dirigia para a varanda; abria o jornal, lia o editorial, a coluna política, e começava a bufar de raiva à medida que ia inteirando-se da situação. A mulher, como anjo da guarda, notando que passaria o dia naquele inferno astral, tentava dar-lhe uma função.

- Meu querido, a máquina de lavar não enxágua. Não seria bom você buscar o rapaz para consertar? Conceição está me avisando que há muito pano sujo dentro de casa.

Ele saía de seu transe, atirava o jornal na espreguiçadeira e ia atrás do técnico. Hilda, aliviada de Ter salvado o seu dia, pegava o jornal, jogava na lata de lixo.

Meia-hora após, surgia ele, com a camisa aberta no peito, dando ordens.

- Venha cá, Zé Arlindo. A danada emperrou. Dê um jeito nela.

O técnico, notando que estava diante de um leigo, maquitelava uma grande pane. Ele vendo que sua bendita poupança seria desfalcada, exclamava para a mulher.

- Você só traz prejuízos. Pelo meu gosto, essa merda ficava aí, quebrada. O quintal é grande, bom de quarar, você inventando moda.

Hilda, constrangida da repreensão na frente de um estranho, baixava a cabeça envergonhada, e seguia triste para a cozinha. As panelas borbulhavam, o cheiro de cozido de carneiro exalava dentro da casa, sugeria a Conceição que preparasse um pudim para a sobremesa.

- Mas dona Hilda, está faltando leite condensado.

- Inventa, aí, uma receita sem isso.

- Fica difícil, seu Hermelino só gosta com leite condensado.

- É! O jeito é você dar uma carreirinha no armazém.

- Hermelino, percebendo a saída da empregada, questionava.

- Para onde vai, Conceição a uma hora dessa?

- Oh, é coisa de mulher! Coisa de cozinha.

- Hilda dava-lhe as desculpas.

- Ela vai na casa de Raulinda buscar cidreira para fazer chá

Hermelino voltava para a preguiçosa. Procurava o jornal que deixara, e, não encontrando, exclamava sozinho.

- Isto aqui tá foda! Até jornal velho pegam para roubar.

E voltava para seus devaneios. A serra de Santa Luzia ao longe com a paisagem azul. Um galo diafônico cantando fora de hora e o filho no mundo. Hilda dentro de casa, idosa, fugindo de seus braços, ele impotente e a televisão colorida, seduzindo-o, sem sua permissão. Ele devagava com uma namorada de infância que tivera em Belo Horizonte. Se mandasse uma carta para a namorada, ela não responderia. Deveria ser avó, como Duília, de Aníbal Machado. Então, ele resolvia alugar uns filmes na locadora. De um salto, ele pegava o boné de lã, e saía. No meio do caminho algum velho amigo o saudava. Ele respondia que tudo estava bem. Falavam do clima, do calor insuportável, dos pombos na praça. Mas a sua verdadeira vontade era de clamar que tudo não passava de uma grande merda, boiando dentro de uma linda piscina azul.

Ele lembrava de Hilda, podia ser interpretado como ranzinza. Fazia para o velho amigo, um sorriso falso no canto da boca, e se despedia sorrateiramente. Na locadora, perguntava a mocinha pelos filmes de Ciciollina. A funcionária escolhia uma dúzia deles, ele olhava meio cabreiro para as capas. Desculpava-se, dizia que era para o neto, mentindo. E voltava louco para ver a deputada. Já na casa, chamava a mulher.

- Hoje, vamos ver uns filmes culturais. Para levantar a moral de nosso malfadado casamento.

Hilda ainda envolvida com o almoço. Oferecia a merenda das dez horas. Ele recusava com um “não quero”, seco, revoltado. A única merenda do mundo que ele gostaria era tê-la na cama, se a velha empregada não estivesse em casa. Hilda tocava levemente em suas costas.

- Deixe ao menos que Conceição lave os pratos do almoço (dizia sorrindo).

Hermelino Oliveira tornava-se um eqüino. Segui resmungando para a varanda. Qualquer pessoa que cruzasse a rua, ele indagava qualquer coisa, sem novidade, o carro do malote do banco apontava no fim da rua. Ele se encaminhava para dentro de casa, dando ordens. A esposa pedia paciência, a empregada ainda estava

preparando as panquecas de couve-flor. Ele lambia os lábios grossos. Dirigia-se ao bar da sala, tomava um cálice de licor, disfarçadamente. Ligava o televisor, em pouco tempo estava cochilando em frente ao aparelho. A mulher, novamente, tocava seu ombro. Ele despertava macambúzio. Sentava à mesa com as braços abertos. A televisão nas alturas. Dava outra ordem.

- Desligue essa droga, Conceição.

E, aos poucos, calado, almoçava entre fungadas da velha sinusite que o acompanhava há meio-século. A mulher por perto assessorando. Colocando mais uma pequena, mais um pouco de caldo, ele se entufando de raiva.

- Chega! Você que me matar de comer. Não tenho mais idade para extravagâncias. Vá tratar de almoçar também, e me deixe. E o suco? Não me diga que hoje é de maracujá, novamente.

A empregada, observando a movimentação do casal, surgia sirigaitamente com a jarra de seco.

- Não, Dr. Hermelino, dona Hilda mandou que fizesse de carambola.

Ele então tomava um grande susto.

- Carambola? Neste tempo? É o fim do mundo. De onde surgiu? Foi de temporão?

E gargalhava sem buscar platéia. A empregada assumia a postura de dona da casa.

- Foram daquelas caixinhas que o senhor mesmo comprou no armazém.

Hermelino fazia a ponte com a empregada.

- Nos tempos de hoje, nada mais é novidade para mim. Umbu dá em junho e caju, em maio.

Hilda, sentada, pigarreava. Tinha ciúmes. E, quando a empregada, desenvolta, oferece pudim, Hilda exclama de raiva.

- Basta, Conceição! Lave os pratos.

E se dirigia para a cozinha para o seu almoço. Hermelino dava seus três religiosos arrotos, entalado, gritava.

- Você está de parabéns, minha Hilda.

A esposa, abusada de sua presença, não lhe dava importância, e nem devolvia o elogio.

A tarde chegava, cortada por barulhos de homens dinamitando a pedreira na entrada da cidade, Hermelino acordava assustado da sesta. Hilda na cozinha, a preparar o jantar. Ele tomava seu banho, botava seu pantacu cáqui, o chinelo branco e andava para o Café Central. Lá, em meio aquela confraria de aposentados e boca-de-couro, iniciava a jogar sinuca com o seu

compadre Ricardo Benevides. A tarde passava de raspão. O velho relógio de parede denunciava a hora. Ele se despedia. O amigo reclamava que o jogo ainda não tinha terminado. Ele dizia:

- Deixemos para amanhã. Estou no horário.

O amigo, não satisfeito, retrucava.

- Nunca vi se deixar uma partida assim, com a maioria das bolas sem estar na caçapa. Mas como o dileto doutor quer dar mama à distinta esposa, está perdoado. Amanhã, se estivermos vivos, continuaremos. Lembre as posições das bolas.

E Hermelino, sem perder o rebolado, despachava.

- Mama, não. Tenho que passar pela porta de sua casa para ver se a sua finada não está à minha espera.

E todos ficavam atônitos. Os dois, então estiravam as mãos e se abraçavam calorosamente.

- Até amanhã, compadre. Se eu tiver o privilégio de ver de novo o astro-rei.

Despedia-se o velho Hermelino, trôpego, em direção a sua casa. O compadre, olhava vagamente para a praça. E Hermelino desaparecia na ventania brava que descia do sul, naquele redemoinho setembrino.

Ricardo Benevides balançava a cabeça sorrindo, dizia:

- Hermelino...Hermelino nunca muda!

Ao longe, Hermelino divisa a esposa na varanda a lhe esperar. Ele dava a sua pesada passada de caserna, e indagava:

- E Conceição? Já foi, enfim, para sua casa?

Hilda, vestida de robe metalassê envelhecido, respondia com um leve sorriso.

- Há tempos, querido. E você, ganhou hoje do compadre?

Hermelino Oliveira, achando-a uma estranha no ninho, brigava.

- Em que mudaria o ciclo do mundo se ele estivesse vencido agora a pouco?

O ano deixaria de ser bissexto? Deixe de conversa mole, há 50 anos que ganho todas as tardes para compadre Benevides, você está cansada de saber. Você, como sempre, sem novidades.

E entrava pisando como se estivesse numa parada militar. No lavabo, notava que a toalha estava úmida, pipocava.

- Você não viu isto aqui, não Hilda?

E jogava o pano molhado no chão. A esposa arrastava-se até a cômoda, e voltava com a toalha limpa. Hermelino esbravejava.

- Deixe, eu me enxugo com esta merda, mesmo.

E sentava na mesa para jantar. A mulher romanticamente lhe pedia ajuda.

- Querido, coloque a comida na mesa, por favor!

Hermelino Oliveira, mais uma vez, bufava de raiva.

- Você passa o dia a ver navios naufragados, e quando chega à noite se diz cansada. Chego a crer que você não passa de uma catenga-mole.

A esposa, não querendo prosseguir a discussão, desconversava.

- Tenha paciência. Não é mais necessário sua ajuda. Eu me viro só.

Hermelino olhava para o forro, o lustre com casas de aranhas, pensava em reclamar, voltava a olhar para o quintal, e observava o cirro-cúmulo, falava:

- Começou, Hilda, a ventania do sul.

A esposa, sem dar importância a sua observação, dizia qualquer coisa.

- Todo ano é assim, Hermelino.

Ele então, insistia.

- Eu acho que não é um bom sinal.

Hilda, herética, dizia.

- Em que vai mudar nossas vidas se ventar do sul?

Hermelino, irritado, abria o vozeirão de baixo-barítono.

- Ventando do sul é estiagem. Será que não muda nada?

Ainda sem entender, dizia Hilda:

- Para mim, nada. Além do mais, você não é agricultor, ou é, e eu ainda não sei?

Hermelino Oliveira, possesso, bufava mais uma vez.

- Se venta, não chove. Os produtores elevam seus preços, faltam mercadorias, e vai doer no meu bolso. Essa ventania nunca trouxe boa coisa.

A mulher, sem dar importância, trazia o jantar. Hermelino Oliveira, esfomeado, jantava.

- Hilda, você está de parabéns! Está tudo muito delicioso. Tenho que lhe fazer justiça. Mulher igual a você jamais encontraria outra nos dias de hoje.

Hilda, sorria, tímida.

- Também, Dr. Hermelino, na idade que você atravessa, acho que não encontraria mais uma candidata.

Ele levantava da mesa, e, da sala, a gritava.

- Venha cá Hilda, venha assistir, esses filmes que aluguei.

A mulher, satisfazendo suas vontades, deixava a janta, os pratos ainda na mesa. Aos tropeços, se dirigia para sala enxugando uma lágrima na gola do robe.

Assistia impávida mais uma loucura do marido. As cenas exibidas deixavam-na desapontada. Ele se aproxima do sofá e sussurra.

- Encoste mulher, mais um pouco aqui do meu lado. Essa italiana de tão, gostosa, virou deputada.

Hilda, envergonhada, permanecia em silêncio constrangedor. Aquela exibição parecia que não chegava ao fim. E, suando, dava a desculpa para se desvencilhar.

- Já está ficando tarde. As portas ainda estão abertas.

Hermelino Oliveira, satisfeito, desligava o aparelho, se mandava para o seu quarto. E, de lá falava dócil, pela primeira vez, naquele dia.

- Boa noite, meu anjo.

A esposa andando dentro da casa, respondia como há 50 anos, quotidianamente infeliz.

- Boa-noite, meu anjo.

E pegava um terço a rezar.

II

Hermelino Oliveira continuava a acordar de pé esquerdo, de ovelheiro virado para a lua. A casa sempre deserta, o carteiro nunca batendo à porta, e o telefone sempre mudo. Naquele dia, estava Hilda na cozinha preparando o almoço, quando a sua torre veio ao chão. Sentiu uma sensação estranha, jamais experimentada em sua vida. Os pés tornaram-se gelados, ouviu esquisitas vozes de velhos entes. Olhou firmemente para Hermelino e o intimou com doçura.

- Papai veio me buscar. Os seus cavalos estão na porta. Vamos passar férias no Jorro.

Hermelino Oliveira, estupefato, indaga-lhe.

- Que loucura você está falando. Há 30 anos ou mais que isso, há 60 anos atrás você passou férias no Jorro. Você está se sentindo bem?

Aproximou-se da esposa. Segurou suas mãos como não fazia há bastante tempo. Estavam frias, naquela manhã abafada. Pegou o telefone e ligou para o único médico da cidade. Em pouco tempo, o médico batia em sua porta. Entrou com a

maleta, ouvia todo o relato em silêncio, e disse:

- O senhor devia Ter nos procurado desde a primeira crise.

Hilda, deitada na cama, envolta num grosso cobertor de lã, assistia a tudo. Os olhos esbugalhados. Ao ver o médico, falou.

- Não sei porque ele chamou o senhor aqui, doutor. Não estou doente

O médico, sentado na banquetta do quarto, tentava acalmá-la.

- Fique tranqüila dona Hilda. Vim apenas fazer uma visita de cortesia. Não estou como médico, mas como amigo da família. Deixe-me ver a sua pressão.

Examinou-a cuidadosamente, pegou o talonário azul e disse para Hermelino Oliveira.

- Compre agora esse medicamento. Não é nada grave. Apenas uma leve depressão nervosa.

Hermelino indagou quanto lhe devia. Agradeceu e o levou até a porta da rua. Foi o dia mais longo que ele sobreviveu ao lado de sua Hilda. Ela insistindo com os seus fantasmas. Ele nada sabendo de como fazer dentro da casa. Hilda passara a Ter ciúmes da empregada. Começara a fazer cobranças absurdas ao marido. E ele cada vez mais irritado.

Deixara de ir para o Café Central. A sua vida resumira a cuidar da mulher enferma. Depois de 50 anos de camas separadas, ela pediu para dormirem juntos. Estava com medo de seus fantasmas. A noite chegava, ele, vendo a mulher abobalhada, começava a se lamentar da vida. A angústia a cada amanhecer deixava-o cabisbaixo, de crista caída, com o olhar distante nas romãs do quintal.

Aos poucos foi se cristalizando dentro dele o velho rancor que nutria pela mulher. A paciência esgotando. E a esposa a lhe solicitar. Ele, então, reclamava:

- Procure, Hilda, uma cumbuca. Enfie sua cabeça. Você sabe onde fica a merda? Vá para lá. Me deixe em paz.

Hilda passou a chantagear-lhe, e ele caindo no laço. Colecionando figurinhas carimbadas de mágoas. Já de tampão cheio, foi incumbindo Conceição para que cuidasse de Hilda. Passou a tratá-la como inválida. E, numa manhã, em meio ao torvelinho da loucura, Hilda, metamorfoseada, disse-lhe:

- Hermelino, neste tempos em que fiquei neste estado, vim a descobrir que não vele a pena sofrer por um pau torto. Tive meu filho que está pelo mundo. Deus é quem sebe como está ele nesse instante. Eu descobri, Hermelino Oliveira, que loucura

era besteira. A gente se achicana. E você merece que eu enlouqueça. Quando baixar a sepultura, eu vou sozinha. Você fica. A vida é uma só.

Hermelino saiu do seu sofá, e ajoelhou-se a sua frente.

- Pela primeira vez, minha velha, você teve discernimento. É verdade não vale a pena sofrer por um desgraçado como eu.

E, com os olhos cheio d' água, beijou a sua mão com profunda ternura.

III

As manhãs rompiam caladas, sem nenhum galo para acordar o mundo. Hilda voltara a cuidar da casa. Hermelino a pegar à espreguiçadeira, comprar o jornal atrasado, a se inquietar diante das notícias do país. Hilda chegava à porta, gritava:

- Hermelino, está faltando ovos dentro da casa. Conceição está precisando para fazer as empadas. Ande homem até o armazém.

Do meio da rua, ele gritava, alto, para a cidade.

- Eu lhe dou os meus, Hilda. Pelo menos você faz mais economia.

E saía feito um camaleão na chuva. Três horas da tarde, depois da sesta atormentada pelo barulho da pedreira. Enfatiotava-se para jogar sinuca com o compadre Benevides. Lá, o velho amigo o aguardava depois de meses de ausência. Saudava-o com o seu bafo de vinho e cebola.

- Pensei que tivesse esquecido a velha casa. E então, vamos recomençar aquela velha partida?

Hermelino Oliveira, arregaçando as mangas da camisa, respondia, entusiasticamente:

- Só se for agora, velho freguês.

Passavam a jogar durante o resto da tarde. O relógio batia as seis badaladas, Hermelino não tinha ainda perdido nenhuma partida. O amigo velho, de taco na mão, exclamava:

- Você não mudou nada, compadre. A velhice não alcança as suas mãos.

Despediam-se com um gole de conhaque. Em casa, Hilda na varanda a fazer ponto de cruz. Hermelino, falava:

- Conceição já se mandou?

Hilda largava o bordado, o olhava sorrindo.

- Acabou de sair. Fiz hoje para você lombinho de porco com recheio de passas. Você vai adorar.

Hermelino lambia os lábios. Passava para o lavabo. Pisava forte feito um marechal. Dentro da casa aquela mudez. O telefone toca. Do outro lado, Eduardo, seu filho a lhe pedir dinheiro. Ele indagava se aquele negócio que estava pretendendo não era perigoso. O filho o convencia. Três dias após, novo telefonema. E Eduardo do outro lado a se lamentar.

- Coroa, cê num sabe. Cheguei a comprar boa quantidade de babilaques. Mas a Federal tomou minhas sacolas na fronteira. E fiquei de mãos abanando. Me mande, aí, uma grana. Desta vez vou me segurar, não vou dar tanta bandeira. Olhe, eu lhe pago logo. Na moral, velho .

Hermelino Oliveira, vendo o único filho naquela sinuca de bico, comove-se.

IV

Longos meses passaram sem Eduardo mandar notícias. Numa madrugada, o telefone toca. Do outro lado, o filho aflito.

- Velho?...~ Duda! Mãe tá boa? É o seguinte: a Federal, me guentou. Tomaram minhas muambas, fui indiciado como contrabandista. Ligue para seu colega aqui em São Paulo. Eu não tenho grana para me defender. Quebra essa aí?

E desligava sem ao menos saber da resposta. Hermelino procurava um buraco para enfiar a cabeça. Não entendia nada. Pensativo, procurou uma razão para as cabeçadas do filho. Estudara em bom colégio, tinha uma profissão e vivia naquela vida desarrumada, de aprontes. E exclamava em tom alto.

- Parece um estigma. Esse moleque sempre me colocando em enrascada.

A mulher da cozinha, sem entender, perguntava.

- De quem reclama, querido? Não é do meu Duda?

Ele desconversava. Hilda não tinha estrutura para entender os trambiques do filho. Ficava no impasse. Não podendo

revelar para ninguém em Esconso, a enrascada do filho. Denegriaria a sua imagem perante a cidade. Para salvar a pele do garoto, telefona

Com voz embargada para o colega. O advogado ouve, depois dispara.

- O rapaz já tinha nos procurado. Ele se encontra recolhido há dias em uma penitenciária do estado. Sua esposa já esteve comigo. O que posso fazer é pedir relaxamento da prisão, alegando ser réu primário, bons antecedentes, e profissão definida.

Hermelino Oliveira, tremendo, apenas.

- Faça tudo que você puder. Eu lhe peço que trate desse caso, como se ele fosse seu filho. Daqui nada resolve. Tire ele daquele Inferno.

Dr. Joel Alves lhe acalmava.

- Deixe comigo. Desse enfarte antecipado eu lhe preservo. E, então, continua a ganhar no bilhar? E dona Hilda? Um abraço nobre amigo.

Hermelino Oliveira, com o peito vazio, pegava a garrafa de Fundador, tomava um único gole de gargalo. A mulher de cozinha lhe gritava.

- Está na mesa Hermelino. Fiz surubim com batatas.

Ele, torpedeado, dava desculpas.

- Hoje eu não vou querer nada. Só o suco. Estou sem fome.

Hilda, estranhando o apetite do glutão, pergunta.

- mas querido, fiz a capricho e você se recusa?

- Eu já lhe disse que estou travado.

Hilda baixava a cabeça, surpresa. Voltava para a cozinha. Hermelino ia para o meio da Praça dos Vaqueiros levando a espreguiçadeira. Ficava lá, mudo, a observar o céu, alguma estrela nova que caía na imensidão, fazia um pedido para o filho. A mulher, pressentindo que o marido dormiria no meio do tempo, acerca-se dele, e o chama.

- Hermelino, meu velho, não me diga que vai dormir essa noite nesse breu, vai?

Hermelino Oliveira dizia mansamente.

- Não Hilda. Estava apenas conversando com Deus. E recolhia a sua preguiçosa.

V

Hermelino Oliveira permanecia administrando sua vida de sua espreguiçadeira. A sala de visitas com a mesinha de centro, um jarro cafona de flores plásticas, fotografias da família na parede para as moscas sentarem e o nada para fazer. Cultivava, porém, um estranho hábito anual de encomendar, em Belém do Pará, caixas de sabonetes Phebo que ele distribuía ingenuamente entre as prostitutas da Rua do fogo. A cada ano, pagava a estranha promessa no dia do santificado Senhor São Roque. Seguiu ele no meio do cortejo frívolo das prostitutas, iniciado de manhãzinha. Eulina, a prostituta mais idosa, segurava soberanamente a pequena bandeira do santo, cantando fervorosamente.

“Arriba a saia, peixão
todo mundo arribou
e você não...”

Zé Bafu, que segurava a cachaça do cortejo, ordenava as mulheres para não atravessarem a bandeira. Hermelino Oliveira acompanhava atento a

movimentação, sem cair na dança. O cortejo descia a Rua dos Velhacos, a Quixabeira, a 8 de Dezembro, a Rua Nova e, quando alcançavam a rua da Igreja, era seguido pelos Barbeiros de Paulo Catexingue. Ninguém ousava, diante dos olhos de vidro da imagem, querer se embebedar.

As prostitutas de Esconso iniciaram a sua devoção, quando no século passado a peste se alastrou pela região. E os medicamentos manipulados de Francolino Oliveira não surtiam mais efeito. Efigênia Soledade prostrada no massapé do Caxeiro, rogou ao santo para a mortalidade findar. Atendida em suas preces, pediu a Custódio Cornejas, velho português de Trás Os Montes, que encomendasse em Portugal uma imagem de São Roque. Num junho de mês nublado, São Roque desembarcou em Cachoeira, na Bahia, numa nau colorida com as bandeiras das duas cortes. Durante três séculos, a devoção se estabeleceu. E, num agosto sem folhinha de Coração de Jesus marcando o tempo, o santo resolveu testar a fé daquele arraialesco. E escolheu a mulher do poeta bissexto Manuel Macias para pedir-lhe uma ínfima esmola. Bastava um pouco de água de moringa e um pão dormido para saciar a sua fome. São Roque lhe saudou:

- Deus vos salve, senhora. Uma caridade pelo amor de Nossa Senhorinha.

A mulher de Manuel Macias, rica portuguesa de São Martinho da Anta, em Portugal, recebeu aquele pobre velho perebento de chapéu baeta a o seu cachorrinho magro, com escárnio. Enxotou-o porta afora.

- Minha mãos são preciosas, mendigo. Só servem para fazer carinho no meu poeta Macias, jamais para dar-lhe uma esmola. Sou abastada e não necessito de sua cantilena, saia.

O glorioso São Roque, que já tinha percorrido todas as residências de Esconso, e o seu farnel achava-se pesado de farinha e rapadura, ficou surpreso com a musa do poeta e respondeu-lhe:

- Minha senhora, quando a pintura do meu joelho descascar na imagem que se encontra na matriz, a senhora voltará a ser pobre como eu. Será tão pobre que os versos de seu poeta serão triste, tão triste como os de Cesário Verde.

São Roque saiu cambaleando com suas chagas, apoiado no bastão. A matula pesada que nas portas da cidade abandonou. O cachorrinho, porém, permaneceu no batente de Julinda Macias durante mais de uma semana, zunhando o pesado portal de madeira de cedro, até vir a dar a cabo na sarjeta fria da Praça do Cônego Henrique Freitas. O santo personificado não retornou

mais a Esconso. E no ano seguinte, quando seu andor era transportado em procissão, fora derrubado pelo poeta Manuel Macias, bêbado, na festa das prostitutas. Sua mulher, Julinda Macias, voltou a ser pobre. Tão pobre que vendeu o sobrado em que moravam, os móveis de jacarandá, os lustres de cristal e passou a residir na Rua dos Velhacos, e a ganhar a vida botando água de gasto nas casas de Esconso. E o poeta passou a ser melancólico, e escrever versos impublicáveis.

Hermelino Oliveira acompanhava o séquito com profunda devoção. Nunca ousou dançar diante dos olhos de vidro do santo. À tardzinha, quando o sol despencava para os lados do Ichu, o Monsenhor Dário Di Ciesco badalava o seu sino de repique. E a comitiva se recolhia em suas casas, guardando a Bandeira azul para o ano seguinte. O aroma agradável descia da Rua do Fogo e invadia Esconso. Eram as mulheres tomando banho em suas bacias. Nesse momento, do alto da torre moscovita, o monsenhor aguardava o término do banho. E, com o sino pequeno, anunciava que a festa se fechava, naquela tarde calorenta. Hermelino Oliveira, quebrado de suas andanças, cochilava na sua espreguiçadeira. Hilda, de semblante emburrado, não ousava oferecer nenhuma

refeição. E Hermelino, de bico seco,
cumpria o seu jejum anual.

VI

Hilda permanecia em suas preces solitárias ao Trombeta do Evangelho. Nessa época, aparecia na casa dos Oliveiras a figuras do religioso italiano Dom Dário Di Ciesco. Sempre trazendo novidades do velho mundo europeu. O monsenhor chegara para Esconso há 30 anos numa noite de grandes tempestade que se abateram naquela cidade.

Salustiano Oliveira, pai de Hermelino, disse nesse dia, de portas escancaradas, na barbearia de Anacleto Romântico.

- O vigário nos trouxe a bonança. Muita água rolará por debaixo do jacuípe.

Nezito Pio, delegado da pequena cidade, que vivia tomando rama na bodega de Roque de Mel, tratou de espalhar a premonição. O italiano estava à frente daquele tempo obscuro. Praticava a caridade e acolhia o povo pobre da Rua do Molambo, despertando a ira dos mangangões daquela corrutela. A família de Dom Dário tinha castelos e títulos de nobreza. E, a cada ano, enviava da Itália Altas somas de liras para ele se manter naquele *bororó*. O monsenhor, porém, distribuía tudo entre a piabagem de Esconso.

Não custou para que o capitão Francolino Pedreira, de patente da Guarda Nacional, passasse a difamar o velho religioso. Dom Dário defendia o progresso, a igualdade social, a reforma agrária e uma igreja de mãos dadas com o povo. Hermelino admirava as idéias daquele italiano. O religioso não mudara seus hábitos, em 30 anos de sacerdócio dentro daquela *cafunga*. E continuava a ajudar as prostitutas em sua festa, a bater seu sino sozinho, sem ajuda de sacristão. Hermelino Oliveira passou a contribuir entusiasticamente na organização da festa. Já não era mais uma caixa de sabonete Phebo que encomendava em Belém do Pará. Comprava, diretamente da fábrica, uma carga fechada, que desembarcava num caminhão vindo do norte do país. Hilda, achando inconseqüente aquela atitude do marido, passava a se lamentar em voz alta dentro da casa.

- Este homem não está certo da cabeça. Onde já se viu, comprar tantos sabonetes e dar de graça para essas mulheres. Eu não entendo. Eu não sei quando isso vai parar, e no que vai dar...

Hermelino pouco ligava para as inquietações da mulher. Durante o ano, qualquer problema que ocorria na Rua do Fogo era a Hermelino que as mulheres recorriam. Chegavam na madrugada, com hematomas, cortadas de facão, em brigas de

ciúmes, por posse de machos. Hermelino Oliveira resolvia a querela. Abria a farmácia doméstica, cuidava dos ferimentos, colocando unguentos e, às vezes fazendo suturas.

VII

Naquele *jegueré* diáfano não havia enigmas. Esconso permanecia devassado aos olhos do povo. Secundino Escalião, que vivia na brenha emaranhada do Caldeirão do Negro, morreu diante do *ordálio* de Deus. Escalião enriquecera de uma noite para o dia praticando crimes de pistolagens. Hermelino não imaginava de onde surgia tanto dinheiro nas mãos daquele laranjo. E os crimes acontecendo como que por mistérios. Escalião, que era pé rapado, sem Ter um papagaio para roer o cu, começou a comprar fazendas pelas redondeza de porteira fechada. Mudando a sua dentadura, pedindo a Dr. Jorge Cerqueira que lhe tirasse os dentes naturais, e colocasse ouro, ouro. Escalião, que nunca teve uma mula roubada de cigano para transporte, se viu de uma hora para outra com uma caminhonete cabine-dupla, desfilando pelo cascalho íngreme daquela terra.

Torquato Preto, que pedia esmola na cidade, e cada pé media 80 centímetros, quebrou o encanto do novo rico. Sempre, às sextas-feiras, acontecia o samba de roda comandado por Izidro Carneiro, lá nas Pedrinha, povoado de Esconso. E Izidro,

para homenagear Escalião, convidou Torquato para dançar.

Torquato viera de São Gonçalo dos Campos feito um andarilho. E na casinha das bombas, onde Zude Africana arranchava-se, arrumou um quartinho. Ele era o melhor dançarino de piegas, subia três, quatro metros de costas, de frente pela parede, dançando sem dificuldades. A cachaçada invadia a madrugada. Escalião, não contente com a apresentação, dava ordens no salão, com o revólver à vista, tentando marcar o tempo da dança de Torquato Preto.

O dançarino, que sempre dançara sem cronômetros, achou um acinte e jogou a praga em Escalião.

- De hoje em diante vossa riqueza virará esterco. E tu colocarás os pentelhos para cima muito antes de tu se dar conta. Ousado, nunca mais marcará o tempo de ninguém sobre a terra.

E voltou aos seus passos como um lince negro bailando na floresta. Indiferente aos ponteiros de ouro no braço de Escalião, que brilhavam na escuridão. Secundino Escalião amanhecera, naquela mesma noite, morto, no caminho de casa, dentro da cabine refrigerada da camionete, com o corpo coberto por *congas*. Fora velado,

tendo o seu ataúde confeccionado em madeira nobre.

A escatologia de Secundino Escalião se delineava às vistas dos incrédulos. O seu caixão inchava com o passar das horas. Ao meio-dia, o sol ainda a pino, Dom Dário iniciou a celebração da missa de corpo presente. O esquife continuava do lado de fora da igreja sem poder passar pela porta principal. À medida que a celebração avançava, lágrimas caíam dos olhos azuis do velho monsenhor, encharcado a estola alva. Enquanto o morto crescia na porta da igreja, no meio do adro, estourando o madeirame do esquife.

Hermelino Oliveira, de sua espreguiçadeira, assistia impávido à estranha cena. A uma hora da tarde, o morto já estava num estado de gigantismo inusitado. Foi necessário que o caminhão de Alvarinho Figueredo o levasse para o cemitério. Foi a cova mais larga que Papaco Coveiro cavou naquela brenha.

VIII

Naquele vão de Esconso, Hilda não tinha parentes, viera de Riachão de Jacuípe, e espalhado pelo mundo estava o seu povo. Hermelino Oliveira tinha um único irmão, Pedro Henrique, que, após mascatear durante toda a vida pelo Brasil afora, resolveu se estabelecer ali, em sua terra natal. Graudão, vermelho, com uma verruga no nariz, roupa sempre de linho debaixo daquele calor miserável. Vivia do que ganhou de mascate pelo mundo. A economia guardada dentro de uma lata de manteiga da “aliança para o Progresso”, e um casal de macacos- prego que criava uma jaula na casa do velho Salustiano Oliveira. Não tivera filhos e negociava com passarinhos. Comprava aquele lote de jandaias, chapéu-de-couro e despachava pelo trem que via das Grotas para Salvador. Lá um compadre, Zé Maria de Andrêza e Ariola, revendia na Feira de Água De Meninos. Pedro Henrique sempre aprontava naquele descampado, e o irmão tomava as dores, e o salvava.

Massalino do Sapato falava o quibundo, nascera em Huambo, na Angola. Ganhava

a vida em Esconso sendo guia de cego. Conhecia plano a plano toda aquela extensão que circunvizinhava. Bebia na “Bodega de Benzinho”, onde Pedro Henrique batia o seu ponto ao cair da tarde. Incutiu a ele que em Esconso havia ouro. Ouro para abastecer a Casa da Moeda. E como já tinha trabalhado em seu país em minas de diamantes, podia indicar com precisão onde estava o veio do precioso metal. E, juntos, podiam embarcar naquela sociedade mineralúrgica. Pedro Henrique, que tinha os olhos voltados para o ganho fácil, topou a idéia. E, com uma dose de pau-de-rato, brindaram o negócio.

Pedro Henrique Oliveira entrou com o dinheirame e as ferramentas. Massalino com a mão-de-obra. Na manhãzinha, ao lado da Calçada de Pedra, naquele terreno inóspito, cascalheiro, se meteram na empreitada. Pareciam dois loucos, embaixo do sol escaldante, cavando aquela buraca sem fim. Pedro Henrique sonhava em confeccionar *cincerros* de ouro, para vender aos tropeiros, e Massalino do Sapato fazer as economias, para comprar uma passagem de volta ao seu belo país. Os dois passaram a andar juntos. A beber sempre juntos. A falar o mesmo idioma. Hermelino Oliveira, de sua preguiçosa, fazia boca de riso quando a dupla meneralúrgica passava por sua porta. Em menos de um ano de serviço duro,

Massalino tirou o corpo fora, deixando Pedro Henrique sozinho na empreitada. E voltou a guiar cegos pela feira.

Pedro Henrique Oliveira, obcecado, cavava o buraco sem parar, não respeitava nem as tempestades que caíam naquela *furrupa*. Paulatinamente, foi gastando a economia que guardava na lata de manteiga, em compra de bananas de dinamite para abrir o bendito buraco.

Honorita, sua paciente esposa, via a cada dia o marido definhando dentro da furna e o dinheirame se esvaindo. Pediu ao velho monsenhor que interviesse, tirando Pedro Henrique daquele buraco. De nada adiantou. O buraco ia enchendo de água, ele comprando bombas, equipamentos sofisticados, e gastando as economias. Em cinco anos de garimpo, quando o buraco ameaçava chegar ao Japão, Pedro Henrique foi encontrado morto, ao meio-dia, dentro do buracão. Honorita, que não tinha como gastar no funeral, abriu o mealheiro de Pedro Henrique em busca do que restava. Não havia sequer um níquel. E Hermelino Oliveira teve de bancar, a contragosto, o funeral do irmão.

IX

Em Esconso, ao lado oposto da Rua do Galo Assanhado, despontava a mansão importante do Capitão Francolino Pedreira, que contrastava-se com as casas humildes do Barracamento. O casarão tomava conta da paisagem. Francolino era, filho de um padre que não largou a batina para exercer o ofício. E lhe dera patentes, arrançadas na capital. Latifundiário, Francolino, porém tinha fama de mandar assassinar padres envenenados. O primeiro deles, João do Prado Sacramento, foi a sua primeira vítima, naquele carteado maroto, onde o poder falava mais alto que a ética. Mudando pedras do tabuleiro, ceifando vidas, em troca de títulos, sem importunar-se com o rumo do arraial.

O crime de padre João do Prado acontecera em plena quaresma, numa quinta-feira maior, antes da cerimônia do lava-pés. O capitão Francolino Pedreira contratara um sacristão para a igreja de Esconso sem que o padre soubesse. Chegou pela noite vestido com uma capa colonial, dizendo-se filho de Aquidauana, no Mato Grosso. Criado em seminário,

sabia latim e os ritos da cerimônia católica. Não sabia, trato meio, parecia um santo.

No trem desembarcou na estação, com dois alforjes e uma capa de sela, perguntou a Dãozinho, chefe de tráfego, a residência do capitão. E se dirigiu na penumbra, parecendo uma aparição de fim de mundo. Chamava-se Manoel Targino, calmo, calculista, *sempre com a pinha aberta*, passou a cuidar da igreja, a limpar os altares, a trocar velas, bater sino, e repor as hóstias do sacrário.

Por esse tempo, padre João do Prado inaugurou a sua escola primária. Despertando ira no sisudo capitão, que enxergava a educação como instrumento de sublevação do povo. Deixando-os cegos, presa fácil de sustentação do seu arcaico estanco.

O capitão Francolino Pedreira, apesar do cofre abarrotado de barras de ouro, vivia intimamente infeliz. A mulher Leogônia Pedreira, lhe dera um único filho, Eugênio das Folhinhas, que ficava o dia inteiro dentro do quarto ensombrado, a receita longos monólogos indecifráveis e a colecionar calendários de mulheres nuas. Se alguma visita aparecia no casarão, Eugênio danava-se a dizer impropérios, a baixar as calças mostrando a genitália, indiferente a todos.

Padre João do Prado chegara promovendo mudanças naquele cafundó. E a sua cabeça foi comprada por trinta onças de ouro, na trama diabólica que abalou a cidade durante meio-século. Manoel Targino demorou apenas uma quinzena, fazendo-se cordeiro, dormindo na própria sacristia, promovendo rezas, puxando ladainhas até conseguir o seu intento. Bastou colocar no vinho do ofertório a porção de cianureto, dada pelo capitão Francolino Pedreira, para tirar o padre João do Prado do sacerdócio.

O monástico, ao suspender o cálice na celebração notou que estava arroxeadado, e convidou os paroquianos para a santa ceia. Ninguém dispôs-se a passar para o lado da vinha do senhor. Levantou o vaso de prata, e do altar-mor mirou a capela do cemitério. Entre a porta principal e a casa paroquial tombou morto. Manoel Targino sumiu em seguida, levando suas barras de ouro. O buxixo do crime permaneceu na boca de grei. Hermelino Oliveira, de sua banca, pressionava o delegado para abrir inquérito policial. O capitão Francolino Pedreira de seu estado, foi comprado Manuel Bufão com migalhas efêmeras e engradados de cervejas fermentosas, de baixa qualidade, até chegar ao esquecimento. Hermelino Oliveira ficara

como o profeta Jó, a se lamentar entre quatro paredes daquele crime.

Damiana Sacramento, muda, vivia no abrigo São Vicente, onde moravam tuberculosos em tratamento de saúde. Devota de Santa Luzia, fazia suas trezenas anualmente, numa mesa tosca, forrada de plástico, e acendia suas pequeninas velas coloridas num devotamento invulgar.

A porta de seu quartinho ficava permanentemente fechada. Se alguma pessoa a procurava por algum motivo, como nada ouvia, era inevitável que batesse com a mão de pilão o solo, para ela sentir seus pés tremerem do impacto. E se encaminhar para a porta para abrir. Durante muitos anos foi mulher de Massalino do Sapato, e ao ficar na menopausa o abandonou. Damiana não gostava de homem *pichorra* e pouco alarde fez da separação.

Pela manhãzinha, Hilda de Hermelino a visitou trazendo uns pãozinhos para saciar a fome. Damiana a levou ao terreiro da casa, e no massapé foi desenhando com um mavarisco a imagem do padre, e o nome do capitão ao chão. A cidade aos poucos foi espalhando o que deduziam. E o capitão Francolino Pedreira, com seu *padanho* envergonhado, foi recolhendo-se a sua toca.

O velho monsenhor Dom Dário Di Ciesco, após anos que ocorrera o crime de seu irmão de ordem, criou uma liderança moderna naquela joça. E o capitão Francolino Pedreira foi lhe dando mulheres, denegrindo-o perante o seu rebanho. Cartas anônimas começaram a chegar por debaixo das portas de Esconso, colocando o religioso como garanhão de sérias mulheres da sociedade. O escândalo formara-se, e na boca miúda do povo, Dom Dário foi cindo no descrédito. Abalado das pechas, a derrocada moral, aconteceu numa quarta-feira, no quarto da casa paroquial, enforcando-se com uma corda na cumeeira da casa.

Na Queimada da Boa Vista, distrito de Esconso, existia grande capela, onde seus moradores rezavam o Ofício da Imaculada, diariamente. As aparições dos dois padres foram surgindo aos olhos dos presentes, contrariamente a lei da física. Aquele *magote* de gente foi formando-se, ganhando fronteiras, alcançando a cidade com a notícia. Hermelino Oliveira, ímpio, permaneceu indiferente à zoadá. As mulheres a organizar romarias, e o povo a caminhar a pé, durante léguas, para reverenciar a memória de seus mártires.

Os religiosos foram revelando ao povo as trapaças do capitão Francolino Pedreira, para manter-se no poder político da cidade.

O povo encolerizado invadiu o casarão azul, ateando fogo na casa. Apenas poupando a mulher e o filho. Quando a fúria popular se acalmou, o palacete de Francolino, era apenas escombros, e aquele monte de madeira chamejante, cinzas.

Esconso, vivia o consertador de guarda-chuva, João Caborongo, que se arranchava num terreno baldio da Rua da Lama, onde Zuza Sodré de Lima tinha sua banca. Lá, perto do riacho do Sacraíú, João Caborongo tinha o hábito de se banhar naquela água salobra, ao cair da tarde, sempre que acabava a sua labuta. Em um deste banhos, divisou a figura do capitão Francolino Pedreira, com duas bolas de ferro presas aos pés, sendo arrastado por uma grande égua branca. O animal relinchava desenfreadamente, e o capitão trazia o cenho carregado, gemia sem parar. Essa aparição perdurou por muitos dezembros, sempre que Caborongo ia se banhar.

João Caborongo não tivera pavor. Foi encarando com naturalidade aquela cena bizarra. E para confirmar para si próprio que não estava delirando, passou a acender seu charuto na bola de fogo que o capitão trazia nos pés. E a indagar do defunto, o estado metafísico em que ele se encontrava. O capitão Francolino Pedreira de voz anasalada, tentou permanecer em sinfonia de lamentos, mas acuado soltou o véu.

- O que você quer saber de mim?

João Caborongo aflito, disparou:

- Que o senhor conte onde se encontra além daqui.

Francolino Pedreira que vestia a mesma calça de gabardine do dia de sua morte, respondeu.

- Tenho apenas sede. Sede que bebendo um rio, não sacia. Estou a vagar na rabicheira deste infame, por todos os riachos que houver pelo mundo. Sem direito a beber. Não sei quando isto vai parar.

E desapareceu como que por milagre, atrás da égua branca, enquanto Caborongo admirava aquela miragem.

X

Isidorinho Pereira Lima era um dos homens mais sérios de Esconso. Não tinha patentes mas criava pavões. Tinha meio mundo de terras, que se espalhava desde Picadas até a Cabeça da Vaca. Começou pouco a pouco a engajar-se na política após a morte do capitão Francolino Pedreira, aliando-se a Hermelino Oliveira, que fazia oposição a outro chefe político de Esconso, Zuzu Botina Cortada. Este, apesar de seu estado de saúde debilitado, continuava a despachar de seu bangalô, a mandar emitir pagar no Jornal Folha do Norte, de Feira de Santana, em rasgados elogios.

Ao meio-dia quando o comércio daquele tolete, encerrava as suas portas, podia se contar a legião de parasitas do erário público que passavam as manhãs a correr de casa em fazendo enxames, certos de receberem no final de mês seus salários. Em troca da piruagem dos próprios comerciantes, que revoltados da escorcha dos altos tributos municipais, botavam a boca no trombone, denunciando a rapinagem de Zuzu Botina Cortada.

Isidorinho Pereira Lima era o avesso daquela gente. Tinha as mãos calombadas, marcadas pelo punho da enxada e dos arreios. Nascera em Esconso, numa época em que o Capitão Francolino Pedreira oferecia refeição para os vaqueiros em casco de cágado, e bebiam em chifre de boi. Isidorinho não necessitava de política para sobreviver. Mas como o desmando era aberrante, se viu obrigado pelos amigos a largar seu labor, e abraçar aquela causa.

Hermelino Oliveira largou a modorra, o bate-boca com Hilda, e arregaçou as mangas. Visitava os confins de Esconso em caravana. Em cada canto que passava o povo exigia uma saca de feijão, um milheiro de telha de guarda aberta, naquele ermo, nos quatro cantos da brenha, era empreender uma grande guerra para derrotar um chagal, tendo a máquina azeitada do Estado, retificando os seus atos inescrupulosos.

Em casa, Hermelino Oliveira não parava mais. Hilda preocupada com a sua saúde murmurava alto: “onde estará comendo há uma hora dessa, meu Deus?” E suas indagações varavam a madrugada. Sentia-se uma velha inútil dentro da casa. E imaginava estar ao lado do marido, em suas viagens de campanha. Mas ele, jamais permitiria. Olhava a cumeeira, a cal desprendendo das telhas, os ripões

vergando do tempo, e tinha a impressão de que o telhado poderia desabar em sua cabeça. Levantava às tontas da cama, pegava o bacio, urinava, pegava o copo de alumínio bebia a água. Se perguntava pelo Agarol, a chuva começava a cair, cambueiras de setembro, a pingueira na sala, dava-lhe sinal para pegar uma bacia. E começava a tremer-se de medo. Andava até a cozinha. Olhava a folhinha de Coração de Jesus na parede. Januário e Justo, santos do dia, lua cheia na imensidão. E ouvia no quintal, uma raposa latir seguidamente. Voltava a indagar o paradeiro de Hermelino Oliveira a uma e dez da manhã. Já não era um molecote, tinha oitenta e nove anos, e não podia fazer certas extravagâncias de ficar perdendo noites, suportando o bafo azedo da madrugada, sustentado por um gole de café e uma ínfima bolacha.

Hermelino Oliveira fora sempre um irreverente. E ela se perguntava se irreverência dava alguma camisa a alguém. E novamente o latido da raposa no quintal. Arrepiava-se, corria dentro da casa à procura de uma arma de fogo. Lembrava que Hermelino nunca usou arma na sua vida. E indagava-se Hermelino caísse numa emboscada, nos caminhos fechados da caatinga, quem o defenderia? Ele velho, combalido, ali mesmo no mato, seria

enterrado. Balançava a cabeça, repreendendo o seu pensamento. E a raposa começava a latir, mais próximo da porta da cozinha.

O coração palpitava. Suava, em meio à chuva que caía. Se perguntava se o animal não estava arruinado. Lua cheia. Enxergava o rosto comprido de Sizino Funileiro, os dentes grandes, aquele nariz de falcão. Pelo dia confeccionando as melhores dornas, e à noite encantando-se pelas casas de farinha, a lamber a chapa quente do forno, a comer *mururu*. A chuva não cessava. A ventania cambuerana soprava forte, suspendendo telhas, deixando-a com mais pânico. Encaminhava-se ao oratório, acendia uma vela aos pés de Nossa Senhora da Conceição, apanhava uma *pindoba* benta, colocava estendida em cruz na porta, dentro de seus domínios. Lembrava da figura do pai, Augusto Asclepiades, terno escuro, chapéu Ramenzoni, o eterno charuto Suerdick. E a campainha toca, insistentemente. O vestido encharcado de suor. Vai atender. Hermelino Oliveira entra sem lhe saudar. O terno molhado, o cabelo em desatino, morto de fome. E, sem ao menos lhe saudar, encaminha para o lavabo. De lá grita, acordando a vizinhança: “sobrou alguma janta para mim?” Ela ainda com calafrios, chega-se perto dele, e lhe responde:

- A janta está toda no forno. Preparei lombinho com feijão tropeiro. Verifique depois, quando você terminar, se no quintal tem uma raposa. Eu ouvi latir a noite inteira. E me parece que ela está arruinada. Óh, meu Deus, pensei tanta coisa ruim essa noite, pensei em você no mundo, em seu Sizino...

- Calcule se eu vou me prestar a sair nesta chuva para espantar uma raposa... Quando vamos ficando velhos, tornemo-nos lado de beira de pote, papel velho comido pelos cupins. Chego a crer que os velhos são espigas secas, esquecidas de uma plantação devastada por gafanhotos, por lagartas-de-fogo. Pisadas por botas rangedeiras. A velhice, mulher, é um fardo de feno, transportado de um lado para outro para alimentar carneiros lanzudos. Velhos gostam de banco de praça, como pombos, que rulham sem parar. Estão nas sinagogas, na fila do banco, reclamando, lamentando-se arrependidos. Os velhos são insanos de sabedoria. Fantasmas de doação involuntária, com seus enigmas decifrados dia após dia como Lot. Estamos sempre caminhando para as montanhas antes que dê tempo de desarmar a tenda. A velhice é tempestade de areia, a gente mofando por dentro... a marca do tempo gravada... Um coração de um velho é regado de melancolias, de eternos remorsos. Não

existe velho contente com o seu estado. Mesmo que esteja dentro de um asilo florido, ou dirigindo alguma fundação. Os velhos são cadeiras vazias e às vezes silenciosas. Não há meio-termo. Ou calça de veludo ou bunda de fora. A cada amanhecer enganamo-nos, cinicamente, mesmo que se tenha conta em qualquer banco da Suíça, mesmo assim, não estaremos imunes de alguma enfermidade. De ficarmos num leito branco de um hospital, com uma linda enfermeira ao lado, naquele marasmo agonizante, recebendo um cateteres a nos sugar toda a alma. Pulando trincheiras todos os dias ao acordar. A pelanca na face, os braços exaustos de carregar filhos, netos, de suportar a dor do mundo. Para nós basta uma paisagem de outono e a sensação de que ainda estamos respirando, vivendo. Os velhos deveriam Ter uma senha interligada ao Criador para, a qualquer momento, se Ter acesso em nossas queixas. Mas, no entanto, se arqueja. Andamos pelos parques feito raposas endiabradas, e você, Hilda, fazendo tempestade em copo d'água. Paciência...

E se encaminhava para dormir. Hilda deixava suas alucinações, tirava a mesa, e seguia resmungando, alto:

- Não vale a pena, não vale a pena esperar que este desgraçado um dia mude.

De terço em punho, babatava no escuro
as contas douradas, rezando, dormia.

XI

Na manhã amarelenta que surgia, o telefone toca antes das seis. Eduardo, desesperado, busca apoio moral. Hermelino Oliveira, ainda acabrunhado da notícia, recebeu o primeiro petardo do dia. E esmurrava a mesinha com violência. Suspendendo papéis, quebrando o precioso jarro chinês, presente do sogro no casamento.

Apertando a dentadura, repugnado. E ainda como náufrago, em meio à borrasca, conforta, distante, sua cria. Despede-se de Eduardo, longe de seus olhos, cambaleando, senta-se no sofá. Baixinho, sem Hilda perceber, disfarça, diz que é um antigo colega de faculdade. A casa começa a se movimentar, Conça chegando para ajudar Hilda, ele amuado dentro do fosso. A empregada, desconfiada, pergunta se ele estava se sentindo mal. Ele balbucia qualquer coisa para livrar. E a manhã arrasta-se, lerdamente, abafada. Sozinho começava a refletir.

- “Nessa cabeça de porco privo de pouca amizade. Lá pelos idos da década de 40, Esconso ainda caminhava de pernas banzas, tendo o capitão Francolino com suas

guerras furando o rim dessa gente. Aurélio Santana chegou certa manhã em meu escritório, de perneira, guarda-peito e o suor pingando a cântaros. Amarra seu cavalo Canário na grade da porta, e saudou-me com seu vozeirão. Trazia a tez esturricada do sol impiedoso, e o rosto marcado por calumbis e unha-de-gato. O sorriso franco que inundava o meu escritório. Durante mais 30 anos fora vaqueiro do capitão Francolino Pedreira. Tratando das bicheiras do seu rebanho, limpando suas feridas, seus estrepes. Tirando o leite naquele descampado de léguas, e léguas de latifúndio. Correndo atrás de uma rês velhaca durante dias, ferrando, botando canga, apartando, livrando os bezerros dos bicos dos gaviões. Naquele sacrifício para ganhar, de dois em dois anos, de cinco novilhas nascidas, uma na ferra. Aurélio Santana era doce e aleijado dos quartos, conquistado o defeito físico numa queda em que o estribo do cavalo Canário ficara preso a um toco de jurema branca, quando de sua peleja para laçar o boi de João Souza, perdido na caatinga durante 20 anos. Aurélio Santana foi sempre o melhor vaqueiro dessa banda perdida, onde Deus não ousou lançar o seu olhar de piedade. Campeando pelas campinas. Fumando seu bode, e a casa cheia de filhos. Estava ameaçado pelo capitão Francolino Pedreira

para abandonar suas terras, ir com a sua família se arrancar debaixo de um pé de pau, contanto que fosse distante dos domínios do capitão. Arrumara a querela quando defendeu Tote da Quixabeira, desafeto do capitão Francolino Pedreira, em questão de terra. O fuxico chegara aos seus ouvidos, e, recebendo a ordem de despejo, me procurou. Eu lhe aconselhei a não arrear o pé da fazenda, e dizer para o bicho “que tudo não passava de um mal entendido”. E, depois de anos dando testa ao capitão, apareceu para segredar-me as estranhas aparições do capitão e a relação de nomes que compunha seu exército de pistoleiros. Prevenia-me de uma suposta emboscada. Livrando-me a pele como se estivesse salvando um filho. Estourar os currais nesta caatinga, libertar dos cabrestos, requer 150 anos de prontidão contra esse coronelismo disfarçado de neoliberal, qualquer pecha que esses malditos tenham ou se alcunhem. E, eu aqui velho, com a prosta perfurada, mijando sem parar, a conta-gotas. Feito uma vaca velha andando numa malhada sem fim. E os capangas dessa gente, ludibriando esse povo com uma dose de cachaça vagabunda, em troca de Cloto, Láquesis e Átropos, fiem suas vidas, e por fim lhe dêem cabo. O tempo tornou-me herético. Esperar a fatura depois daqui é sacanagem. Se há o tal

maná, deve ser comido pelos vivos, não pelos mortos que eles não respondem mais. Aos mortos se reverencia, aos vivos, ouve-se os seus clamores.

Hermelino Oliveira, de olhos lacrimejantes, encostava a cabeça na preguiçosa, chorava, disfarçadamente.

XII

A campanha eleitoral de Esconso terminara. Vieram as urnas, e como coração de gente, veio a surpresa. O sacrifício em vão de Hermelino Oliveira e seu grupo estava estampando nos mapas eleitorais. Durante longos anos teria de suportar os algozes perpetuando-se em suas falcatruas.

Hermelino Oliveira, mocho, recolheu-se para dentro de seu templo. Hilda a consolar, e a mandar-lhe ir atrás de uma atividade para esquecer a derrota. O filho, Eduardo, enfermo, contrairá a terrível doença do século, escrevia constantemente para o pai, estreitando uma relação que nunca tivera enquanto gozava de boa saúde. Os dias continuavam passando naquele marasmo. Numa tarde calorenta, Hermelino Oliveira chamou a mulher e disse-lhe:

- Vamos ver nosso Duda. Ele está doente de AIDS e poderá não sobreviver. Porém, eu lhe peço que não enlouqueça, novamente. Agora a prioridade é nosso filho. Não são suas crises. Não me traga mais trabalho. Nessa noite mesmo, embarcaremos. Inclusive já acertei tudo com Conça, se apresse dona Hilda Oliveira, vá arrumar nossas malas.

Às onze e dez da noite, com o frio batendo nos rostos, aquele casal de velhos, cambaleantes, dirigia-se pelas ruas desertas de Esconso com suas pesadas malas. Nenhum galo cantou, nenhum cachorro vadio os acompanhou, Esconso permanecia em seu estado, avesso ao mundo.

GLOSSÁRIO

Pantacu- bermuda de homem.

Boca-de-couro- indivíduo velhaco

Catenga- mole - lagartixa

Ouveiro-virado- para- a- lua- acordar mal-humorado

Bororó- cidade pequena

Cafunga- cidade pequena

Jagueré- cidade sem importância

Ordálio- julgamento

Congas- formigas

Cincerros- campainha grande usada pelos tropeiros na mãe da tropa, mula que encabeça a tropa de burros.

Furrupe- cidade insignificante

Sempre com a pinha aberta - sorrindo

Pichorro - indivíduo imprestável.

Mavarisco- Arbusto da caatinga também chamado de Canela de Urubu.

Padanho - garra

Magote- aglomeração.

Tolete- arraial.

Cambueiras de setembro- chuvas que caem em setembro no sertão

Mururu- farinha de mandioca

Pindoba- palmeira encontrada na caatinga.

**TAMATIÃO FUMEGA, O
ANACORETA**

Sonolência veste-se com andrajos”
Livro dos Provérbios

Quatro cavalos negros adejos e rédeas soltas no cascalho íngreme em disparada pelo chapadão. Tudo corria indiferente aos *gnomons**. Naquela ausência de ritmo, aluados. Só inteirando-se quando batia os cambueiros prenunciando gregorianamente o ressurgir do sapateiro em setembro.

Muito antes de Tamatião Fumega ser despachado por Helioro Talião em uma noite de lua nova, ele fora encontrado bêbado nos Caminhos do Caldeirão do Negro adormecido sobre uma rodilha de jaracuçu-malha-de-sapo com o rosto tomado de rugas parecendo um cururu de trovoadas. Transportado a bangüê por alguém que se compadecera de sua sorte, estabeleceu-se em Lagoas das Picas no canto da rua com sua tenda, seu cheiro e sua sovela.

Naquele termo, a maioria vivia enfiada no meio do mato feito índios, abatendo animais e enlouquecendo de solidão. Embrenhavam-se meses a fio e, quando retornavam a pé de suas caçadas, traziam na curva dos olhos a personalidade da caça. Porém a natureza tomava a sua precaução. Devolvia para aquele bando de renegados a cada temporada, novos animais para o abate.

As aparições do anacoreta Tamatião Fumega eram precedidas por barulhos de pedras na serra. Ficava o redivivo durante

três dias a carregar pesados monólitos para o Morro da Cabeça do Tempo e a consertar brequetes na tapera, indiferente ao mundo. Tamatião fora sepultado várias vezes seguidas depois de uma dezena de aprontes naquela vila. Em suas aparições, nada balbuciava, mas gesticulava sempre para o poente como se quisesse indicar alguma coisa. Foi então remorto, expulso pelo carvoeiro Absalão, após lutar com o insurrecto durante toda a noite.

A cantilena de Tamatião Fumega começou no final de um inverno, quando propuseram ao mestre que dançasse piegas na casa de Secundino Taramela. A cachaça varou a noite. Os galos cantando, já de pernas banzas, quis se retirar para dormir. Foi interpelado por todos para que continuasse a dançar. Revoltado com a aporrinhção, negou-se. A arenga começou a desacetado por Eulampio Itapicuru, teve de empurrar a sovela, despachando o mangangão para outro reino.

O dono da casa ficou as dores do visitante e saiu no calço do sapateiro. Tamatião tomou o rumo das serras e por lá ficou um bom tempo esquecido da vila. Três meses depois, apareceu no meio da noite para pegar as ferramentas. Secundino, na tocaia, despachou-lhe à traição. Agonizante, pediu que trouxesse o velho vigário Gabriel Malagrida para dar-lhe

extrema-unção. E, na madrugada, quando o missionário, primeiro branco a pisar naquelas bandas, atendeu o moribundo, Tamatião tomou emprestado a sua montaria e sumiu no mundo tendo, Orion como guia.

Lagoa das Picas acordou cedo para enterrar o sapateiro e ele a 15 léguas de distância de fôlego solto daquele esconso. O padre cuidou de espalhar pela região que Tamatião Fumega fugira, levando a sua montaria sob ameaça.

Longos meses passaram, a cidade sem ter notícias do anacoreta e a indolência tomando conta daquele piçarral com seu anacronismo. A poeira invadia a praça, e a ventania brava, que descia no norte, confundia tudo naquele redemoinho dezembrino. O pesado bigode de Tamatião dava-lhe aspecto de um homem de meia-idade. O cabelo curto, ondulado no topete. O canino com uma faísca de ouro, e, no anular o anel de esmeralda. Tamatião Fumega acostumado ao descampado, a rédea solta, e a modorra invadiu a cidade, sem ligar para as ameaças.

Leobino Assunção querendo mostrar serviço para aquela gente. Deu-lhe voz de prisão. Conduzido ao quartel, passou ali uma noite. Serrou as grades da cela e novamente tomou emprestado ao padre Gabriel Malagrida uma montaria, e entrou

no mundo deixando Leobino, s em rastro, e sem a poeira do seu tropel.

Na manhãzinha, a vila se preparou para linchar seu sapateiro, e ele do outro lado das serras, acoutado no cipoal, protegido das intempéries daquelas doidivas. Através de um tropeiro, mandou recado para a velha Zidurinha Malagrida que pedisse ao missionário para, em seus sermões, falar àquela gente que lhe deixasse em paz. O portador retornou no mês seguinte com a resposta. A cidade tinha feito a sua compulsão.

Fumega voltara para a vila, silencioso, sem fazer grandes arruaças. Disposto a se enquadrar naquela vida marota de consertar arreios, fazer alpercatas de rabicho. Padre Gabriel Malagrida, de seu púlpito, ia conduzindo os vivos, enterrando os seus mortos, mas sempre à espera de que o anacoreta devolvesse suas montarias.

Em uma quinzena de agosto, a vila acordou com os dobrados em louvor ao padroeiro. Tamatião Fumega, seduzido pelos dobrados da filarmônica, resolveu acompanhar o cortejo e encaminhou-se para seguir o andor do glorioso São Roque. Os quatro homens que mantinham a imagem do padroeiro nos punhos eram seus desafetos, e se negaram a revezar. O anacoreta ficou com a mão estendida, no ar. Envergonhado da recusa, deu meia-volta

para segurar a charola pelo outro lado, mas foi rechaçado a cotoveladas. Tamatião Fumega não contou história. Pediu permissão ao padroeiro e desferiu um tabefe no rosto de Antônio Beatinho. Foi o bastante para a confusão se formar. Vingada, de alma lavada, escorraçou os beija-batina pela praça afora, e seguiu sozinho com a imagem do padroeiro nos próprios ombros. Quando a procissão acabou, Heliodoro Talião o aguardava em uma bodega no canto da rua. O anacoreta fez-se de desentendido. E tentou seguir pela estreita via. O insubstituível é a morte se ela alcança a galopes. Foram necessários os quatro homens da charola para dar-lhe fim. Tamatião Fumega tentou fugir, mas ninguém lhe acudira.

Na noite de sua sentinela, surgiu para padre Gabriel Malagrida, pedindo-lhe um cavalo negro para fugir. O missionário, ainda meio sonâmbulo, abriu o portão do quintal e mandou que entrasse. Pegou a única sela de montaria e disse-lhe: “quando puder; mande meus cavalos, pelo primeiro tangerino que encontrar pelos caminho”. O anacoreta ainda balançou a cabeça afirmativamente e saiu em seu passo coxo. Zidurinha, de seu quarto, não entendia aquela movimentação dentro da casa paroquial e ficou-se a dormir. Padre Gabriel Malagrida acordou cedo, resolveu

ir até o quintal encabulado com a aparição. Não encontrou seu cavalo negro amarrado, nem sua sela de montaria. Calou-se perante o tempo.

Nem todo dia Lagoa das Picas tinha um herói para sepultar. O povo arisco para enterrar Tamatião levou o esquite, sem esperar o padre benzer. Pegaram uma tosca cruz de madeira, puseram-no em cova rasa, e escreveram: “Aqui jaz Tamatião, saudades de ninguém”. E desceram para o povoado aliviados do redivivo. Zidurinha em seu passo lento largou o seu almoço e depositou na cova do anacoreta um bouquet de espirradeira. A cidade continuou com seu passo arrastado, a noite, as chuvas, as goteiras cindo na tenda do anacoreta. Logo os seus couros foram apodrecendo e o cheiro invadindo as casas. Logo a notícia de que Tamatião Fumega tinha voltado correu na cidade.

Líria, mulher do ferreiro Gonçalo, foi aos poucos conduzindo a cidade ao delírio. E o ferreiro de sua forja não enxergava com bons olhos aquela bizarra amizade entre o redivivo e a sua amada. E, numa Quarta-feira, com um martelo de remendar bica, Tamatião Fumega fora mandado de volta. Sepultado nesse mesmo dia, ficou aquela gente a tecer palpites.

Logo o anacoreta Tamatião Fumega surgiu com sua camisa velha de brim.

Instalou-se em sua tenda e passou a carregar pesados monólitos para Morro do Cabeça do Tempo. Lagoa das Picas continuou com seu rumo, avesso ao tempo.

OS BROTOS DO CÃO

O pastoreio de Edmundo do Carmo deu lugar à fibra. A fibra verde, espinhosa que logo invadiu aquelas terras como gafanhotos em tempo de praga. Banindo do mapa, aroeiras, amargosos, umburanas, mudando a paisagem, espantando as chuvas. Tornou-se um mundo intransponível para as suas esporas.

Brecara as sua andanças e seus galopes, marginalizara-se na sua própria terra. Ficara aquilo, moqueado. O sisal espalhando-se, a poesia da caatinga indo embora em cada derrubada..

Pela região foram surgindo as cordoarias, bateadeiras, os atravessadores e a legião de mulheres tuberculosas cantando sisal de refugo. Os bancos abrindo linha de crédito para o plantio do pragal, e os Edmundos seduzidos pelos juros baixos foram cindo no conto dos banqueiros.

Tornara-se cevador. Bastavam as mãos ágeis, o suficiente para a máquina não decepar. A família espalhada pelo campo. A mulher cortando palhas, enfeixando cangalhas, e os filhos conduzindo o asno por entre flechas e espinhos. Edmundo passara a vaqueiro do açoite, domando o motor paraibano como boi brando no carrascal. A cada semana a oscilação do preço do produto a critério dos grandes cartéis. Lá em cima não havia quem defendesse os Edmundos. E sob o forno do

tempo ia trabalhando ao lado das varejeiras, com o corpo empolando do bagaço e do inseto.

Segunda, ao dia da feira na vila, ele dormindo com o barulho infernal da palha sendo desfibrada. A noite chegava, os músculos ainda trepidavam da porrada do motor, produzindo sisal tipo 3, sem classificação. Alugava a carroça, levava os fardos para o armazém, e as balanças dando a menor para castigo seu e de sua prole.

A cada ano embrenhava-se no campo para a destoca com medo do sisal enflechar e tornar-se um campo inútil. Voltava da feira, desolado. Carregado pelos outros com a cachaça até o tampão.

Na calada da noite, os caminhões descendo para o porto de Salvador. Quando o prejuízo se aproximava, incendiavam as próprias bateadeiras para que as seguradoras arcassem com o dano. O sisal virou um negócio. A região tornara-se sisaleira e o seu povo cada vez mais com a tez parecida com a textura da planta.

Batia a estiagem, sem pasto, Edmundo se viu obrigado a soltar o gado no campo enflechado. Não demorou para que as reses fossem morrendo com a palha embuchada no ruminadouro. Ele vivia naquele círculo

infernal, tomando dinheiro adiantado para comprar óleo, rodar o motor. Levava uma vida nua, sem nenhum mistério. Se ele mudasse para a cidade para abrir uma bodega em breve estaria falido. “Macaco não negocia com banana”. E se permitia que as manhãs destampassem sem novidades, trazendo no ar o cheiro podre do bagaço do sisal.

Os filhos sem escola, a mulher murchando na tapera, e os avalistas batendo à porta. Mas Edmundo mantinha, dentro de uma velha mala de couro, uma pé-de-bode de oito baixos, que ele olhava com muito carinho. No dia que se libertasse daquele inferno pudesse abrir o fole por muitas madrugadas.

Num dia deste qualquer, sem folhinha de Coração de Jesus marcando festividade, prevendo bom tempo. Perdeu a mão para a máquina. O grito abominável de dor ecoou na caatinga. O sangue jorrava, encharcando a fibra branca do sertão. Ajudado pelo filho, viajou léguas atrás de um posto de saúde. Ficava inutilizado. A casa cheia de filhos, e a pé-de-bode esquecida, sem poder tocar. O filho mais velho tornou-se cevador, pião-de-motor. Ele, encostado num banco de taipoca, passava as tardes, ouvindo a melodia do motor paraibano. A sua não era aquela. Edmundo do Carmo queria

mesmo era plantar, colher, vaquejar. Sentia a cada amanhecer a sua crista cair. E, com uma corda fina da própria agave, enforcou-se no oitão da casa. O motor continuou a trabalhar, e Edmundo do Carmo, com os olhos esbugalhados da morte, balançava ao vento, tendo ao longe os brotos do cão.

**REGUEM OS GERÂNIOS
POR MIM**

O esquife contornaria a praça para, em seguida, chegar à catedral. Seria uma cerimônia simples, de alguém que teria pressa em ser sepultada. A casa, apesar do clima de velório, revelava um cheiro bom de goiaba vermelha no ar. Há 82 anos sem transitar pelas ruas daquela cidade. A notícia de que teria morrido rompeu pela boca do leiteiro, que chegara de manhãzinha com o seu carote e não encontrou na janela à sua espera. Cismado, deixou os vasilhames na porta e correu louco alardeando para a cidade.

O relógio oito, de batidas seculares continuava a trabalhar quando Abdias invadiu a casa pela porta do quintal. Ainda existiam muitas romãs pelo solo e um grande lençol branco servia como bandeira. Po alguns segundos titubeou a chamar pelo nome e, num misto de insegurança e medo, foi caminhando. Atravessou o longo quintal de pedras soltas com um ramo de arruda imaginando que teria alguma utilidade. Mas deparou-se com a gaiola do passarinho. Sentira que a morte já havia passado por ali a galopes. O pássaro-preto, encurujado, dava a senha do clima. A cozinha estava como se alguém não transitasse por ali há dias. Um quadro adornativo de alguns faisões mortos dava a impressão de que naquela casa a abundância era a constância.

O visitante, como a morta, moravam no mesmo quarteirão, na oitava casa de amarelo bufado, sem um ente para dar um bom-dia ao acordar. Enfatiotado num brim de céu de trovoadas, foi se encaminhando para o corredor. A morta estava como se estivesse preparada para receber uma visita. Serena, com um anel no anular, sentada numa cadeira de vime, com algumas cartas de tarô rasgadas ao chão.

Para ele não era uma cena estranha, fazia parte do rito que a morta escolheu. Foi caminhando com passos pesados e, por alguns instantes, indagou de que teria morrido: “talvez da própria velhice”, sentenciou-se sozinho. Abriu as pesadas janelas e aos poucos foi chegando Matilde, de chale negro, e Tiago com um semblante de que perdera alguém que amava muito.

Sobre o consolo da sala de espera, a morta tinha deixado suas últimas impressões: “Caminho para um vale onde não vislumbre se é claro ou escuro. Nestas horas tenho muita necessidade de conversar com um amigo. Creio que passarei por muitas portas e escadas”. Me sinto como alguém que chega a uma cidade onde todos olham, mas ninguém a conhece. Quero que percorram a cidade inteira, muitas rosas junto a mim. Quanto a minha casa, se o leiteiro se interessar, que ele fique. Levem-me ao rio, junto à sua margem; façam uma

grande fogueira de carvalhos e me ateiem fogo. Joguem as cinzas sobre as águas. Estarei tranqüila se Matilde ficar com minhas jóias. Mas eu peço ao Tiago que cuide dos gerânios por mim.

Um desconhecido que chegara à cidade na véspera se incorporou ao cortejo. Ninguém soubera de onde veio e o que fazia naquele ermo. Caía uma chuva fina, com melancolia quando de tardinha, os quatro, silenciosos, caminhavam breve, com a morta, nem cinzento julho. Ninguém saiu às ruas para ver ou indagar de quem era aquele cortejo. Nenhum galo cantou. E a lamparina da sala continuava acesa.

**SOB O OLHAR
DO CORDEIRO**

Da montanha vislumbro o grande vale onde os mercadores em suas caravanas passam com suas malas repletas de novidades. Perco longas horas a observar o ritmo lento de suas andanças. E o chegar do colorido na pequena cidade. A minha casa poucos, muitos, poucos, visitam. Moro neste penhasco, afastado das grandes cidades onde descortina ao longe a fumaça de grandes fábricas.

Quando cai a tempestade, surge o caçador incorporado em sua calça de lona, camisa de mescla sem a menor cor, longas botas, um velho amuleto no peito e o seu odioso cão. Falamos de colheitas e perdas, climas e animais, de velhas fitas de David Griffith e da beleza de Paullete Godard.

Em diversos momentos de sua estada, o diálogo esgota-se devido ao torvelinho coordenados e tiques com as mãos. O seu cachorro late e, pigarreando, balança a cabeça como se estivesse sendo repreendido pelo seu animal, e retoma a sua atrasada narrativa.

Vou permitindo que, cada tempestade que se abate pelas montanhas ele encontre abrigo para se agasalhar. Nunca indaguei o seu nome. Não passa no seu olhar nenhuma mágoa, apenas a constatação de que uma chuva branca apagou a sua história pessoal.

Refere-se sempre aos vôos rasantes de aviões pela montanha mas há muito tempo que não enxergo nenhum deles cruzando o céu.

Numa dessas tempestades, chegou esbaforido, trêmulo, sem voz, apontando para o oeste. Observei que um casal de águias dava cambalhotas no ar. Afirmiei para ele que os pássaros tinham direito de voar pelo céu, e se ele estava no solo que admirasse o seu vôo, mas não usasse o seu rifle para aniquila. A chuva caía em granizo e o seu soluço incomodava o seu próprio cão. A cumplicidade entre ambos fazia com que seu animal o acordasse quando a loucura queria se instalar em definitivo. Latia desesperadamente quando percebia que o seu proprietário estava perdendo a sua própria fluência verbal. Por algum tempo, julguei que pelo fato de Ter se embrenhado pelas montanhas, tratava-se de algum foragido. E desci à pequena cidade em busca de informações e fatos sobre a sua pessoa. Nenhuma pista encontrei sobre aquele homem.

Numa grande tempestade, bateu à minha porta. E nessa noite perguntou-me se as montanhas tinham algum dono. E eu, calmamente, balancei a cabeça, e afirmiei que, logo que as vindimas findassem, o proprietário colocaria à venda, e que pelo vele surgiria uma grande estrada de ferro ligando uma montanha a outra. A choupana desapareceria e, apesar de habitar aquelas

terras há muitos anos, estava apenas trabalhando para o meu verdadeiro patrão. O velho senhor de bigodes, proprietário das chaminés, que ele enxergava todas as vezes que batia a minha porta.

Em pânico, chamou o seu animal, e desapareceu dentro da tempestade. O seu cão enfurecido latiu muito, e tentou investir contra mim. Achei uma grande traição de sua parte não ter tomado uma atitude de reclamar pelo menos com o seu odioso. Eu com uma grande pá o açoitei fora. Tranquei a porta da choupana e esperei a tempestade cessar. Por toda a noite, o temporal desabou. E já na madrugada, quando os meus galos acordavam o mundo, fui ver os estragos. Árvores retorcidas, um grande pinheiro caído sobre a choupana, e rastro de sangue saía da porta em direção ao vale. Cuidei de refazer os estragos. E passei longo período esquecido daquele tipo.

Na quarta quadratura da lua, desabou o mais terrificante dos temporais. E batendo o queixo de frio e medo, busquei abrigo junto à lareira. Acendi com grandes toras de pinho, e grandes labaredas subiram. Intuí que, aquela noite, o caçador bateria à minha porta em busca de abrigo. Deixei-a entreaberta, e esperei entre os clarões dos relâmpagos que ele surgisse. Em seu lugar, um filhote de um falco *refigularis* se debateu na porta da sala, tendo em uma das assas um ferimento. O

animal surgiu, todos os poucos colocar-lhe um pouco de unguento. Três dias se passaram quando o pássaro bateu asas em direção à grande montanha. Fazia um belo sol de verão. E logo surgiu o odiento cão tendo nas presas pedaços de tecidos da camisa de mescla do caçador. Fiquei a observar o que procurava, e ele da porta voltou, deixando pedaços de tecidos de diversas matizes sobre o solo. Abri a minha janela e lembrei-me do poeta provençal Théodore Aubanel

“La nuit est noire: dans la nuit
Le chemin de fer nous emporte;
j’ ai froid, le vent ronfle à la porte”

Fechei a porta da choupana e fiquei a observar um pássaro que fazia cambalhotas no ar.